

De árvores e frutos – Afonso Tostes

Por Renato Rezende

O pequeno bosque de esculturas/árvores montado por Afonso Tostes na galeria Lurixs provoca ao mesmo tempo (“Ao mesmo tempo”, aliás, é o nome da exposição) uma sensação de serenidade e de angústia. De acordo com o artista, o projeto surgiu a partir de um comentário sobre sua série de esculturas anterior, *Perna de três*, também em madeira de lei: “ele me falou que esses trabalhos parecem ter voltado a sua forma original, ou seja, árvores”. A partir dessa observação, o artista radicalizou a pesquisa nesta direção, dialogando com as veredas que a própria obra possivelmente indicava, como se pulsasse na madeira um desejo inequívoco de reflorestamento, organicamente acoplando às peças trabalhadas galhos de árvores de verdade, materializando pensamentos e sentidos. O resultado é a série *Árvores*, esculturas híbridas em madeira (jacarandá, peroba do campo, peroba rosa, cedro, mogno provenientes de material de demolição) manual e intencionalmente trabalhada, tubos de cobre e galhos de árvores retirados da natureza, em bases de madeira lisa, sempre em inclinação, reforçando, ainda que cada peça constitua um uno perfeitamente integrado, a sensação de um equilíbrio precário e arduamente conquistado. É justamente esta perfeita medida entre equilíbrio/desequilíbrio, solidez/precariedade, cultura/natureza, pensamento/coisa, que torna o trabalho de Afonso Tostes tão intrigante e tão convidativo à reflexão. Estamos, por um lado, em meio a um bosque, e é possível que isso seja, de alguma forma, reconfortante; mas, ao mesmo tempo, as árvores de Tostes nos lembram que há muito fomos expulsos da natureza, que a natureza nos é, fundamentalmente, inacessível, e que não há nada ao nosso redor que não seja – para o bem e para o mal – *humano*. Diante das árvores de Tostes, transformadas em linguagem, estamos diante de nós mesmos: seres híbridos, desejantes e precários, constantemente em processo de fundação de nossos próprios corpos, lançando-nos ao vácuo. É importante notar que as *árvores* de Tostes são secas, seus galhos não carregam frutos ou flores – sem adorno nenhum, sem excesso, sem digressão. Não se trata de uma alegoria do humano, ou de uma humanização da natureza, pelo contrário. A potência das esculturas de Tostes está no fato de serem, na precisa medida, enquanto coisas, pensamento, e enquanto pensamento, matéria. Neste sentido, em algumas de suas questões e materiais usados, o trabalho

escultório de Tostes entronca-se na tradição aberta entre nós por Aleijadinho – seu conterrâneo e, como toda certeza, uma de suas referências –, vigorosamente desdobrando-a e enriquecendo-a.

Além da série *Árvores*, em “Ao mesmo tempo” Afonso Tostes expõe alguns peças da série *Afloramentos* – intrigantes ‘ossos’ de resina que brotam da terra como incômodas demandas do passado ou do inconsciente – no canteiro na calçada em frente a galeria, já expostas antes em outras ocasiões; e a obra *Descartes*, no corredor, feita de sobras de madeira arrumadas pelo artista contra o muro, e sal grosso: aquilo que não pode mais dar fruto e que, paradoxalmente, através da arte, preenche-se de sentido e vida.